

HISTÓRIAS E POEMAS

DE TERROR

Para serem
lidos na calada
da noite
Volume IV



Ademir Pascale
Organizador

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores
Obra protegida por direitos autorais
Este e-book é parte integrante
da Revista Conexão Literatura
ISBN: 978-65-00-83105-4
2023
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

O DEMÔNIO DA CABANA, POR JÚLIA ELISTHOM, PÁG. 05
FÁBULAS SOMBRIAS, POR J.F.DELL, PÁG. 10
AQUELE QUE CAMINHA DEPOS DA MORTE, POR NEY ALENCAR, PÁG. 19
EM UMA NOITE DE CHUVA - PARTE 1, POR ROBERTO SCHIMA, PÁG. 25
EM UMA NOITE DE CHUVA - PARTE 2, POR ROBERTO SCHIMA, PÁG. 31
MEDO E CONTRAPESO, POR SELMA LUANNY, PÁG. 37
JÁ NÃO SEI, POR SELMA LUANNY, PÁG. 39
TUFÃO EM OUTUBRO, POR SELMA LUANNY, PÁG. 41
DOR NO CORAÇÃO, POR SELMA LUANNY, PÁG. 43
O MAL PRECISA DE UM CORPO, POR MARCELINO RODRIGUES CUTRIM NETTO, PÁG. 45
BELLA, SELENE, ANNA, VALERIOUS, MINA, ELIZAVETHA..., POR MARCELINO
RODRIGUES CUTRIM NETTO, PÁG. 49
O DISCURSO DO COVEIRO, POR MARCELINO RODRIGUES CUTRIM NETTO, PÁG. 51
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 55



VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD

HISTÓRIAS E POEMAS DE TERROR - IV





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O Demônio da Cabana

Por Júlia Elisthom

Roberto Alvite Ehlert Neto, natural de São Bernardo do Campo, traz consigo a essência poética desde a infância, transformando brincadeiras em histórias e versos. Engenheiro da computação por profissão, recentemente abraçou a escrita poética, inspirado principalmente por Paulo Leminski e Vinicius de Moraes. Sem histórico de publicações anteriores, Roberto promete surpreender o mundo literário com sua estreia nesta antologia poética, compartilhando sonhos e palavras até então inexploradas.

O candelabro que ali jazia
Velas acesas em sintonia
Iluminava tudo em melancolia
Junto aos castiçais
Quando a toco se arrepia
Do teu lado estarei quando me anuncia

O jogo de três preceitos cruciais
A mim não olhe quando claro não estiver
Sem motivo não deve correr, é demais
E quando andando estiver não olhe para trás
Moro na cabana sem dono do lado do rio
O voluntário a aqui ficar
Deve uma semana passar, sem reclamar do frio

Quando quero sussurro, como agonia
O medo é fardo como peso daninho
Te prometo sentir a pior melancolia
Pois aqui não é bem-vindo

Tenho uma nova visita
Cabelos negros enrolados
Olhos arregalados
A nova visita traz consigo segredos escondidos
Nessa escura penumbra, um mistério entrelaçado
Quem tem tamanha ousadia?
Meu nome é Yen de Marfina, filha de Virginia
Vim provar de medo não sinto
Que pior companhia não há
Como ousa vir aqui e me desafiar

Te dou as regras do jogo

De brinde as velas não terão mais fogo
A primeira noite deixei a bailar
Sentia frio, sem lareiras a corar
Quebrou aqui o silêncio
Era tão destemida
Que tipo de alma és, voz que definha?
Toco sua nuca, sua pele se arrepiava

Tornou a perder sua postura
Engole, cede e não perde sua amargura
Dá os passos para deitar-se na cama de ferro
Ignora as trouxas que voando, lhe assusta
Moça bonita se esconda senão, te enterro
Sinto seu temor de forma mais robusta

Posso correr se medo estiver?
Medo é motivo, correr não funciona
Se esconda se puder
Até três vou contar
Sobreviva até eu parar
A menina descalça se pôs a andar
Lembrando da regra
Para trás não olhar

No porão em segredo
Me porei em aconchego
Menina te digo
O cheiro do medo é o que sinto
Engole seu choro

Vou ser tenebroso e espanto darei
Que tipo de alma és, voz que definha?
Ainda falando? Onde foi que errei

Menina não me dá desafio
Daqui só alma penada sai de mansinho
Mas seu cheiro não sinto
Te darei este recinto
Na manhã vou me prostrar

Na alvorada do terceiro dia
Sem cabelos unhas longas
Estou aqui menina arredia
Se ponha a despertar
Fingiu-se a dormir
Alma penada a ti não olharei
Já é de manhã as regras respeitarei

A sua casa mal-assombrada
Tão suja e depreciada
A pergunta que faço é de bom grado
O que quer de mim saber moça mal-amada
Sou a versão de ti
Da sua essência amargurada

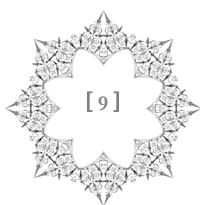
Menina em silêncio
Se pôs a pensar
Refletia, portanto,
Em tanto a mim não a percebo

Me mantive por perto
Na hora grande da noite
A acordava no susto
Perambulando minha foice
De presente uma insônia
Pavor e ansiedade
São a minha colônia

Quando me aproximava
O teu respiro era ofegante
O desespero que dava
Silêncio inquietante
Então tramei a minha maior vigarice
Já sem ideias na sexta noite eu lhe disse

Minha presença te deixa sem jeito
Eu sumirei e me sentirás dentro do seu peito
Assim que o sol aparecia
Tão ousada a menina que anuncia

Compreendo da cabana o desafio
Dias isolados ao lado do rio
O medo que existe e nos persegue
Parte da minha essência que já está entregue
Alma que vem e que vai
Teu arquétipo se assume na escuridão
De dia não a vejo
O sol não deixa não
A noite sinto sua gritaria
As paredes que eu arranho
São puramente loucura e agonia
A solidão me apavora sem tamanho
Sinto você aqui, és um demônio
Se luz não tiver, sou assombrada
Fora da cabana eu ficarei
Sabendo que na escuridão
Eu lhe sentirei





A P R E S E N T A M O S

Fábulas Sombrias

Por J.F.DELL

Médico, formado pela UNESP. Redator e roteirista da TV Bandeirantes- S.P.- 1989; Cassiopeia – Filme animação – 1996; Autor de terror e suspense: “PRENÚNCIO DO MEDO” – 2019- Editora Illuminare; COLEÇÃO HORROR E MISTÉRIO – Ed. Vermelho-Marinheiro - 2014; Amazon Kindle :“ABUSADORES”- 2018. Premiado na Academia de Filmes/S.P. – 1998; - SITE HIENAS – escolhido entre os 50 melhores de humor do mundo Revista WEB e WEB GUIDE-2000; Roteirista de: Chico Anysio; Dedé Santana; Ronald Golias e outros.

O Mágico de Oz

A menina perdida que a tempestade carregou.

Fogo e armas, pólvora e projéteis no furacão dos destroços do que foi sua casa.

Sua mãe, seus irmãos o tornado levou.

Seus restos tornados em pó, pedras, em ruínas. Não há cor, não há alegria.

Incansável, a morte peleja noite e dia.

O sofrimento é uma sala escura e vazia.

Na estrada, desolado, um atirador espreita.

Um Homem Sem Coração abraça uma arma, não é lata, é aço duro e corroído e sua vida é um dedo num gatilho.

A menina anda, recua, esconde, flutua entre escombros, a procura do caminho.

Qual caminho? Qualquer caminho. Distante do que foi lar.

O rubi, é gota vermelha que brota e coagula.

Das feridas que tinha n`alma, pois que alma não tem mais nenhuma.

Sem coração o Homem de Aço dispara.

A menina não sabe o que é coragem e nem medo, corre, chora, súplica.

Os Espantalhos não pensam, olham o campo devastado, a menina órfã da misericórdia do mundo.

Outros tantos Espantalhos agora olham pelo mundo.

O monstro feio da arma, fumegante ruge no deserto.

Só tem coragem a bala que mata, Leão na jaula domado, nem sabe que já foi caçado, atira, grita e mata.

E Oz onde fica?

Em meio a tanta tortura. Fuga.

Vão para além-mar onde ventos arrastam, as balsas toscas flutuam, velhas bruxas, velhos bruxos, crianças duendes e doentes e sapatinhos, vão dar nas praias.

Suas esperanças tão inúteis quanto seus corpos.

Oz não existe, é mágica para ter esperança.

A terra não pedida, a fuga não desejada, a esperança enganada.

A salvação dos que tentam é história mal contada.

Jazem as dezenas, para sempre, corpos na beira da estrada outras tantas histórias caladas.

Dorothy não existe mais, relaxa na praia, afogada, um Leão sem coragem repousa nas torres de Londres, um Espantalho de olhos por si próprio arrancados “olha” pelos desesperados.

O frio Homem de lata, empurra, encarcera e cala, inspira profundamente e vendo outra menina dispara.

A Bela adormecida...

Bela para sempre: adormecida... Sempre?

Os cabelos desganhados desprendendo-se da cabeça descarnada.

O sorriso eterno da caveira prenuncia uma gargalhada que ninguém quer ouvir.

Uma criança cobre a cabeça à noite.

No oco dos olhos perdidos, o negrume.

No peito, entre rendas apodrecidas, um oferecido mamilo descarnado se equilibra na pele murcha, inerte no leito.

Um conto sem fadas de uma noite eterna sem príncipes.

A Gata Borralheira

A Gata Borralheira do vestido puído, dos vermes em marcha que adornam um pé sem sapato de uma perna sem pé.

Equilibrando-se na valsa de um uivo, num grito ela dança.

Enquanto um olho seco, sem brilho de cristal, espia.

Bem-vindos ao baile dos mortos onde sempre é meia-noite.

João e Maria

Não fosse a gula a comer a si mesma, na casa não teriam entrado.

O biscoito azedo sobre a mesa à Bruxa não come e nem o come a Bruxa.

A floresta devorada.

Comer!

A todos consome.

João não quer fugir, Maria não quer ficar.

Abraçados esperam a fome maior para devorar os biscoitos, a bruxa e finalmente, a si mesmos.

João e o pé de feijão

João. Feijão. Gigantojoão. Péijão.

Come João da vagem da “viagem”.

O que vem do chão ao chão vai voltar. Três feijões e um Gigante. Na terra viram sementes e subindo à cabeça de João viram serpentes.

Há um João em cada esquina querendo seu papelote de feijão.

Bebidos viram aguardentes, cheirados viram vozes, riqueza de imaginação.

E os Gigantes se aproximam; explodem em migalhas à sua visão.

Viceja o Pé de planta; resseca aos poucos João.

Chapeuzinho e o lobo

Vermelho.

O canino que mastiga pinga e coagula.

A velha desnuda, o corpo, uma casca solta da fruta exangue no leito de morte, flutua.

O Lobo, a carne crua, na cesta, uivando, pede socorro para a Lua.

Vermelho Chapeuzinho, do Lobo desfruta, era fera, era monstro e agora, pobre mocinha, a carne da fera ela saboreia e tritura.

A Bela e a Fera

A Bela atacou a Fera.

Quem atacou a quem?

A Bela amou o monstro. A Fera?

Quem amou a quem?

No Castelo da Fera a revelação espera.

Inimaginável, o monstro, não sabe mais se é lar ou cela?

Um urro, uma aflição!

Quem aflige a quem?

A Fera é pasto de outras feras, enquanto a Bela, agora, traz atada à sua pele uma pele que não é dela.

O Gato de Botas

Miau!

Faz o Gato lambendo as feridas, de quem o leite pôs azedo, porém seu sabor é melhor.

Miau!

Geme o Gato que as unhas deixaram rastros sanguíneos.

Arrepiam-se o Gato enquanto, com botas, pisa, morde a mão crispada e imóvel que a pouco o alimentava.

O Gato chora, enquanto o sangue coagula e azeda o leite derramado.

Miau!

O Gato outros gatos chamam.

Miau!

E cobre com terra a mão que, agora fria, a outros gatos com terra já cobriu

E os afagava e o leite lhes servia.

Ronrona um felino negro de olhos estranhos logo abaixo da minha cama.

Miau!

Ele me chama pedindo seu leite!

A Morte

Essa trabalhadora incansável, a Morte.

Aos homens leva ao descanso, porém ao descanso não se dá a Morte.

Posto que a Morte para a morte labuta noite e dia.

E nem pode, a Morte, chamar de vida, pois que vida é essa feita de toda morte que prenuncia?

Não sabe assim a Morte nada da vida.

A Morte aceita que não conhece o começo posto que só lhe deram ver um caminho.

O fim.

E por não saber das vidas não tem piedade.

Sem pena, rigor ou maldade, caminha labutando sempre assim.

Pobre e incansável a Morte sabe que por morte não terá fim.

O Patinho feio

Feio.

Num mundo de iguais ser diferente não pode ser um castigo, uma pena.

Solitário.

Quem se importa? Tristeza.

Flutuaria para longe fosse ele uma pena.

Em vão sofre. Sofre. Isolado, seu grasnado agride, dá pena.

O deboche, o canto, a risada, a piada, o defeito, sórdido poder dos iguais ao Pato feio. A rejeição ao rejeitado entre iguais envenena.

Só vingança é água fria e serena.

O Pato não quer sofrer sozinho, não merece sua pena.

Afoga-se.

No lago as águas turvam.

Os Cisnes no lago perecem.

A morte não traz beleza.

Na podridão dos corpos sejam patos, cisnes ou homens a igualdade é plena.

Alice

Cresce e dói e encolhe e dói. As partes não se ajustam quer uma crescer, quer outra encolher e Alice ora é, ora não é.

E se Ali se...

Um pé de Coelho sem sorte. Na queda, Ali se queda a pensar:

E se Alice?

A mulher no espelho a menina no corpo.

Sê Alice!

O Gato tem pressa, a Lagarta esperta desperta. A Chave de Alice o Chapeleiro quer,

Espera Alice abrir.

Uma Alice é crime a outra paixão.

O Chapeleiro não sabe. Alice não sabe. A Rainha decide: Corte-se lhe a cabeça!

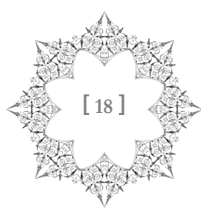
O sangue corre.

Alice o filete rubro fez a mulher.

O Chapeleiro sorri.

Será maravilha?

Espere para ver.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Aquele que Caminha depois da Morte

Por Ney Alencar

Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João – PE. Possui 293 contos publicados em 56 e-books e em 100 antologias. Possui 05 livros publicados.

“Não tenho mais medo de morrer.

Eu já fiz isso.”

— Leonardo DiCaprio, O Regresso

1835. Algum lugar da fronteira selvagem.

O caçador levantou-se de debaixo das folhas caídas com um repelão súbito!

João Matias olhou ao redor assustado!

O que havia acontecido? Subitamente tornou-se consciente da grande haste fina de madeira que brotava de seu peito, as penas coloridas mostravam que era tupinambá.

Como ela havia aparecido ali? E porque ele ainda estava vivo?

Tentou evitar respirar e somente então notou que não estava respirando.

Prendeu a respiração por muitos minutos, não sentiu opressão no peito, nem mesmo a vontade costumeira de engolir o ar em borbotões para saciar sua vontade.

Não precisava mais daquilo.

Pegou a haste da seta com a mão direita, não sentiu dor, apenas a puxou para fora da carne do peito, não sentiu nada! Não havia sangue também.

O que havia acontecido com ele? Será que era um fantasma agora?

Já ouvira histórias de pessoas que morreram e retornaram, sua avozinha, morta há dez anos, dizia que havia tais fantasmas lá pelas Terras do Leão do Norte, muito além das matas e da floresta, pelo sertão seco e vazio!

Mas ele estava ali agora. Será que havia se tornado aquilo que ela lhe contara?

O padre dizia que aquelas coisas não existiam, que eram apenas histórias da carochinha.

Talvez o padre estivesse errado e sua avó estivesse certa. Não tinha nenhuma certeza.

Levantou-se e procurou a espingarda, estava jogada à um lado, mas parecia enferrujada, como se tivesse ficado um tempo na chuva e na humidade.

Será que havia morrido há muito tempo? Não se lembrava.

Se lembrava apenas de Caraminhão, aquele matuto rasteiro e safado que estava junto com ele quando se separaram dos outros caçadores do Coronel Melchior.

Aquele maldito cafuzo devia ter atirado nele pelas costas.

Procurou com os dedos alguma coisa para se certificar, tirou a camisa suja e viu o furo da bala no alto da omoplata.

Uma raiva súbita subiu-lhe pelo rosto como se lhe queimasse o espírito.

Fora isso que acontecera, mas porquê? Porque o outro queria mata-lo?

Foi então que as memórias foram lhe voltando devagar e ele se lembrou de Carminha, era tão óbvio.

A noiva, menina linda de pele de mármore e cabelos cacheados de loiro, os olhos verdes como esmeraldas argentinas e aqueles lábios finos e vermelhos.

Ela era a causa de tudo aquilo!

Certamente o tal Caraminholão queria ela pra ele e havia morto João para ficar com ela.

Ele ia pedir a moça em casamento quando voltassem daquela empreitada e o outro sabia disso, deve ter planejado tudo!

Mas ela não ia querer aquele cafuzo feio, de pele escura, quase negra retinta, os lábios grossos e carnudos e os cabelos lisos e pretos como azeviche, ela tinha asco dele, já tinha visto muitas vezes o outro se aproximando dela quando achava que ele não estava vendo.

Via a repulsão, a repugnância dela naqueles olhinhos brilhantes, ela tremia e se afastava dele sempre.

Mesmo que João estivesse morto ela não ia querer nada com um troço daqueles!

Tinha certeza disso, era o que lhe ia na alma!

Limpou as folhas da roupa, pegou o chapéu caído e a espingarda enferrujada e começou a andar pela trilha estreita voltando para a cidade.

Não sabia o que faria agora, pois sendo morto não podia casar com Carminha!

O padre não ia querer officiar a união de jeito nenhum.

Como podia um morto casar com uma viva? Era a danação para ela e isso ele não queria de jeito nenhum.

Estava perdido assim nesses pensamentos tolos quando deu de cara com um homem, alto de catadura escura e cabelos arrepiado, um largo bigode encimava lábios finos que se abriram primeiro em um “Oh” de surpresa, quase um susto, depois em um sorriso largo!

— João Matias! Que bela surpresa! Sabia que não estavas morto como o carafuzo alardeou pela vila toda! — exclamou o homem dando um abraço de estalar as costelas de João.

— Ora se não é turco Feyzi! O que faz por essas bandas, homem? — perguntou João sem atinar com o que o outro havia dito.

— Estava caçando, queria uma preá gorda para o jantar e acabei encontrando vosmecê!

Olhou para João por um momento reparando no estado do outro.

— Mas vosmecê parece que andou perdido pela mata durante tanto tempo, o que foi que aconteceu?

— Fui emboscado pelo pilantra do caburé! Ele me deu um tiro e me deixou pra morrer na mata, escapei nem sei como e aqui estou.

— Mas isso faz muito tempo João! — contou o outro preocupado — Já faz um ano e um dia que o malabrete do Caraminholão retornou dizendo que uma onça tinha pego vosmecê!

— Um ano e um dia? — assustou-se João, pois era tempo demais até mesmo para ele.

— Sim, não carece de se preocupar não, mas já faz tudo isso.

— Então todos pensam que eu estou morto? Tenho que ir ver Carminha, ela deve ter ficado triste demais.

O outro cofiou o bigode e fez uma cara estranha, como se não quisesse dizer mais nada.

— O que foi homem, fale logo!

— Logo depois que o Caraminholão trouxe a notícia, ele a Carminha noivaram e casaram em menos de quinze dias! Foi coisa que ninguém soube explicar. Ela que parecia que não suportava o bicho de jeito nenhum passou a não desgrudar mais dele. Eles moram na sua antiga casa! Desculpe contar assim, mas acredito que você tem que saber uma coisa dessas.

— Mas ela tinha nojo dele, tinha asco, não suportava que ele sequer chegasse perto dela.

— Ninguém sabe explicar o que houve. — tentou remediar o turco ainda cofiando o bigode — Acho que você não deve voltar lá, não tem mais nada pra você naquele lugar.

Mas João Matias já não ouvia o outro, uma raiva terrível subiu pelo seu rosto, um ódio como nunca sentira antes.

Então era isso mesmo, não é! O outro atirou nele, esperou que ele morresse e lhe roubou tudo o que tinha, inclusive a noiva! Era demais para suportar, tinha que fazer alguma coisa! Deixou o turco ali parado no carreiro e desembestou pela mata numa correria doida, como nunca tinha feito antes.

Era como se um fogo estivesse queimando dentro dele, uma vontade de destruir lhe tomava o peito, um ódio horrendo lhe consumia o espírito, em sua corrida desesperada batia nas árvores pequenas e pelos troncos das maiores e tanto foi assim que quando afinal a mata acabou e um pequeno campo se abriu à sua frente, de João Matias restava apenas uma sombra negra, como um farrapo rasgado que flutuava pelo vento da mata.

Deixara para trás tudo aquilo que o tornara um homem!

Pairou por um instante, pelo crepúsculo que caía, na beira daquele capinzal e observou a vila mais distante.

Quase como um sussurro veio por cima do capim alto em direção à casa onde vivera boa parte da vida, onde seus pais o haviam criado, onde eles o deixaram, quando se foram para o além. Esperara viver ali com sua amada Carminha, mas errara!

Com cuidado aproximou-se da parede de sapê que seu pai levantara e ouviu ruídos estranhos vindos do interior. Moveu-se, sem barulho, até uma janela meio aberta enquanto o sol escondia-se por detrás do horizonte, temeroso do que ia acontecer!

Para seu horror viu Carminha, a pele de mármore, nua, misturada à pele retinta do cafuzo Caraminhão, luzidia do suor que se misturava ao perfume doce da ex-noiva!

Viu Carminha, que tanto amara, entregar-se completamente àquele pulha assassino que o deixara morrer na mata!

Ouviu seus gemidos lascivos e o revolver de suas pernas púberas e lúbricas, quando aquele monstro imundo a pejava com sua descendência maculada. O ranger cadenciado da cama de madeira de lei, que seu próprio pai havia construído e na qual sua mãe o fizera nascer, rasgavam seu coração aos pedaços! Como pudera Carminha entregar-se de tal maneira perversa e libertina àquele salaz conspurcador imundo? Como pudera deixar-se rebaixar tanto deixando-se preencher daquela forma devassa, deixando que o outro lhe devorasse a própria alma! E gemia, a perda, em láivos exultantes de prazer incontido!

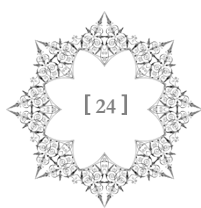
Sem conseguir aguentar aquela devassidão traiçoeira finalmente compreendeu que já antes a moça entregava-se àquele cafajeste, usando o asco como véu jogado em seus olhos crédulos e que foram os dois, juntos, que planejam sua morte!

Aquele fogo horrendo o consumiu e com uma fúria arrebatadora escancarou a janela e entrou no quarto amundiçado!

Os dois amantes que corcoveavam em cadenciada luxuria, sentiram um medo vago jorrando sobre eles, como água gelada e ao se voltar o cafuzo pode ver, com olhos assustados, uma sombra comprida e escura que mais se parecia com um retalho de escuridão viva que caiu sobre ele como blasfema ave de rapina!

Dentes descarnados e férreos rasgaram aquela garganta de azeviche e depois mergulharam naquela outra de branco mármore, dentes famintos rasgaram suas carnes e arrancaram seu coração, até que a luz morreu em seus olhos de verde esmeraldino!

João perdera tudo o que lhe era supérfluo, tornara-se agora verdadeiramente aquilo que era, um Retornado!





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Em uma Noite de Chuva - Parte 1

Por Roberto Schima

Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), pelo conto "Como a Neve de Maio". Colaborador das revistas digitais "Conexão Literatura", "LiteraLivre" e "Obook". Participou de mais de duzentas e setenta antologias. Escreveu: "Limbographia", "Sob as Folhas do Ocaso", "Cinza no Céu", "Era uma Vez um Outono", "Vozes e Ecos" etc. Contato: rschima@bol.com.br.

Se a noite pudesse falar, sua voz seria um gemido!

(Vó Maria)

Já faz algumas horas que a tempestade corre lá fora.

O corpo está tenso feito um elástico esticado; os nervos, à flor da pele. Mordo o lábio inferior numa paródia de excitação. Cerro os punhos a fim de conter o tremor das mãos.

"Malditos raios!", xingo.

Quanto menor o intervalo entre os clarões dos relâmpagos e o estrondo dos trovões, maior a intensidade do calafrio em meu corpo. É como se eu fosse um diapasão e entrasse em ressonância com os pratos empilhados sobre a pia: eles tilintam, tilintam e tilintam.

— É apenas uma descarga elétrica, Sandrinha! — assegura meu marido.

Meu temor que, a princípio, despertou nele a compaixão, pouco a pouco se transformou em rotina e motivo de impaciência. Isso, em vez de me confortar, irrita-me.

Tomás sempre procura fazer pose de corajoso, de paternalista e de sabichão. O grande macho alfa de peito estufado no topo da colina! Tanto mais se infla de bravata ao ver minha fragilidade em evidência. Sinto-me exposta, tão nua quanto uma modelo estreante perante uma dezena de alunos num ateliê: as expressões são sérias, mas os olhos inflamam de lascívia. Como detesto isso!

Ainda mais que, no fundo, eu sei o quão cagão Tomás pode se tornar diante de um cachorro bravo ou de uma barata asquerosa. Bem, é lógico que me apavoro com baratas também, contudo, não fico dando uma de gostosa diante do estrépito da natureza. Cada um de nós tem seu ponto fraco: o meu são as tempestades. Contudo, contrariedades à parte, eu o compreendo e, por isso, amo-o de fato.

— Eu sei — respondo. — Mas tenho medo!

Ele me abraça e se sente bem agindo dessa forma. Não reclamo, pois também gosto, por mais que as feministas de plantão se contorçam de raiva. Que culpa tenho se são mal amadas?

Tomás procura se mostrar forte não tanto diante de mim — pois bem sabe o quanto eu sei —, mas de nosso filho, Jeremias, cujos olhos se arregalaram diante do último trovão.

Jeremias tem apenas seis anos, personalidade ainda em formação. Vê no pai o super-herói presente, pronto a salvá-lo de todos os perigos. Além da segurança que inspira, Tomás é o modelo através do qual Jeremias se molda e espera um dia tornar-se igual. Vejo o quanto meu filho se esforça para não correr até os meus braços e refugiar seu rostinho redondo em meu colo. Segura a borda da mesa com suas mãos pequeninas e faz tanta força a ponto dos nós de seus dedos ficarem brancos. Na verdade, sou eu quem quer correr para ele, cobri-lo de beijos, acarinhá-lo e protegê-lo. Não o faço em respeito à lição que Tomás procura transmitir, todavia, exibo meu melhor sorriso consolador, por mais que, por dentro, o rastro de tremor persista.

Tomás, então, vai para sala a pretexto de assistir ao noticiário.

Livre de sua presença, eu e Jeremias nos abraçamos.

Então, meu filho volta seu rosto para mim e, de olhar apreensivo, indaga:

— Mamãe, por que tem medo?

Coincidência ou não, um raio risca o céu, aparentemente sobre nossas cabeças, pois o trovão surge imediatamente:

CABRUUUMMM!!!

Estremece a casa toda feito o sacudir de um gigante.

Tilinta... Tilinta... TILINTA!

E tudo cai na mais absoluta escuridão.

Agarramo-nos tão apertado como se fôssemos um só.

Nesse ínterim, o poderoso macho alfa berra, tamanho o susto, bate o joelho na mesa de centro, xinga céu e inferno e volta a cozinha aos tropeços.

Jeremias soluça e balbucia:

— Eu num queria, num queria...

— Não foi você, Jimmy — tranquilizo.

Da escuridão, vem a voz de Tomás, esbaforido:

— Vela? Fósforos?

— Na segunda gaveta da pia — respondo. — Cuidado com o armário.

Tomás só grunhe, ainda a remoer a dor no joelho. Escuto o rangido enferrujado da gaveta ao ser aberta, o som de objetos sendo revirados. Pelo tato, ele encontra o que procura e, enfim, o ruído do fósforo riscado se sobrepõe agradavelmente ao tamborilar do temporal do lado de fora.

A vela solitária produz uma concha de luz no interior da qual nos abrigamos.

Em meio a um momentâneo silêncio, Jeremias retoma a sua pergunta:

— Mamãe, por que tem medo?

Recompondo-se, Tomás toma a dianteira:

— Porque ela é mulher e as mulher... Ai!

Eu não pretendi chutar sua canela por baixo da mesa com tanta força, mas, às vezes, os homens precisam ser lembrados sobre quem é que manda de fato na casa. Tomás fica emburrado e cruza os braços, assumindo um ar de mimado contrariado. Aproveito sua rabugice e resolvo contar a minha história para Jeremias.

Um novo clarão vem da janela.

Arrepio-me todinha, maldizendo o clima.

Entretanto, o trovão leva mais tempo a se manifestar.

Isso tranquiliza um pouco minha alma: a tempestade se afasta de nós.

— Mãe...

— Ah, sim, benzinho! O medo...

Aconteceu também em uma noite de temporal.

Assim como agora, houve um blecaute.

O vento assobiava pelas frestas.

A chuva batia no telhado.

O frio lambia os pés.

Os relâmpagos.

Os trovões.

Eu tinha oito anos; meu irmão Lucas, seis como Jeremias. Estávamos no sítio com nossa avó, Maria, enquanto nossos pais divertiam-se em uma festa na cidade ou coisa parecida. Aprontáramos poucas e boas o dia todo: quebráramos dois vasos, arreventáramos o varal, perseguíramos as galinhas, sujáramos o piso da sala com os pés cheios de terra e deixáramos marcas de nossas mãos pelos vidros da janela do quarto.

De nada adiantara as reprimendas dela:

— Lucas, pára com isso! Sandra, comporte-se!

Faziamo-nos de surdos, todavia, não mudos.

— Vivaaaaaaa!

— lupiiiiiii!

— Obaaa!

Talvez por isso, em meio a escuridão forçada, inspirada pelo temporal e por um compreensível sentimento de vingança, vó Maria, impossibilitada de ouvir música no rádio à válvula, reuniu-nos em torno do antigo lampião e, enquanto o acendia, falou em tom grave e conspiratório:

— Vou contar uma história de medo!

Houve um silêncio repentino, até a chuva deu uma pequena trégua. Então, a "descarga elétrica" ofuscou nossos olhos seguida pelo troar ensurdecedor.

Vó Maria não poderia ter pedido melhor abertura a sua narrativa.

Nós crianças, tivemos uma reação ambígua, familiar a qualquer miúdo que passara por situação semelhante: ao mesmo tempo em que nos metia medo, ardíamos de curiosidade por saber tudinho a respeito da tal história. Também era uma maneira de afastar a atenção da tempestade, do escuro, da friagem nos pés e do friozinho na barriga. Por isso, não foi de admirar a nossa empolgação:

— EBAAAAA!

Ele carregava no âmago a mescla desses dois sentimentos.

Chá e pedaços generosos de bolo de fubá amenizaram o calafrio, um tiquinho só. Porém, o medinho persistia lá no fundo, corroendo o estômago, causando arrepios nos braços e na nuca, dando asas à imaginação.

— É de bastante medo, vó? — perguntei.

Vovó Maria acomodou seu corpo atarracado na cadeira de madeira. O móvel rangeu como se fosse quebrar, mas não quebrou.

— Que nada, Sandra. É molezinha. É a história do "pé de cabeça".

Lucas franziu a testa. Berrou:

— "Pé de cabeça"?! Cabeça tem pé?

Não fosse pelo bulbo de vidro do lampião, a chama até teria apagado.

Foi repreendido pela nossa vó:

— Quer escutar ou não?

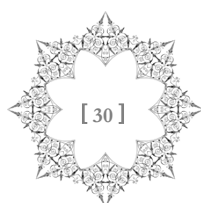
— Quero — resmungou, birrento.

— Então, fica quieto.

E pusemo-nos a ouvir.

A chuva forte tornou-se fina; o gotejar da calha, mais audível: um crepitar monótono, ainda acompanhado pelo uivar do vento.

CONTINUA...





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Em uma Noite de Chuva - Parte 2

Por Roberto Schima

Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), pelo conto "Como a Neve de Maio". Colaborador das revistas digitais "Conexão Literatura", "LiteraLivre" e "Obook". Participou de mais de duzentas e setenta antologias. Escreveu: "Limbographia", "Sob as Folhas do Ocaso", "Cinza no Céu", "Era uma Vez um Outono", "Vozes e Ecos" etc. Contato: rschima@bol.com.br.

Escutamos a água a cair do telhado e sobre as folhagens da pitangueira próxima à vidraça. Agora, era um vulto horrendo e enorme fundido à escuridão. Ficamos de olhos e ouvidos atentos, rostos dourados sob o fogo. Não movíamos um músculo sequer.

Por fim, vó Maria falou:

— Quando eu era pequena, estava na varanda da casa em que vivia, na fazenda do patrão de meus pais. Como hoje, chovia sem parar. Não tinha eletricidade na casa e estava anoitecendo. Meu pai costumava ficar do lado de fora em qualquer tempo, fumando seu cigarro de palha antes de dormir. E era o que fazia, quando fui lá fazer companhia. Em geral, ele permanecia calado, pensando na vida, talvez na sua terra natal, a Sicília, não sei. Mas dessa vez, resolveu falar. Contou-me sobre as ruínas de Herculano, uma antiga cidade, onde fora visitar em certa ocasião. Lá havia uma câmara na qual as pessoas se refugiaram quando o Vesúvio explodiu...

— Vesúvio? — indaguei.

— É o nome de um vulcão.

— Vulcão? — emendou Lucas.

— É uma montanha que tem um buraco em cima de onde sai fogo e pedra derretida — a lava. Alguns acreditam ser uma das entradas para o inferno, onde, lá no fundo, o diabo cozinha a alma dos pecadores! Caronte! Cérbero! Hades! Perséfone!

Nossos olhos se arregalaram ainda mais diante dos nomes estranhos.

Ela prosseguiu:

— As pessoas tentaram correr e se esconder do fogo e da lava, porém, acabaram encurraladas. Se por um momento tiveram a ilusão de segurança, outros perigos roubaram-na por completo: o gás fervente e as cinzas incandescentes. Imaginem essas coisas chegando até vocês. Ao respirar, os pulmões queimaram. A carne torrou até os ossos. Mães abraçadas aos filhos que não conseguiram proteger; maridos, às esposas num derradeiro gesto de amor. Parentes, vizinhos, estranhos. Todos comprimidos num pequeno espaço de dor e morte. A cidade ficou soterrada por quase dois mil anos. Meu pai falou da forte impressão que teve diante dos esqueletos, alguns ainda portando seus pertences: anéis, moedas, pulseiras. As bocas escancaradas num grito mudo. Todos os sonhos incinerados num momento de escuridão, calor e horror... Ele falou que, apesar do silêncio respeitoso, quase pôde ouvir o clamor das vítimas, impresso para sempre

naquelas paredes. Encarei-o em meio à fumaça do cigarro, à chuva ao fundo e à escuridão mais além.

— E o pé de cabeça? — interrompeu Lucas.

— Quer ouvir ou não?

Ele não tinha mais tanta certeza. Nem eu. Porém, vó Maria seguiu em frente.

— Não entendi o porquê daquela recordação em particular até ele contar uma história que ouvira de outro empregado da fazenda. Foi dito que aquele lugar abrigara muito sofrimento. Primeiro, os índios que viviam por ali foram assassinados ou expulsos para que a terra fosse ocupada. Depois, escravos morreram trabalhando nas construções, na lavoura e sob o açoite. Muita gente estava sepultada onde, agora, existiam cafezais, algodoeiros e canaviais. Às vezes, ouvia-se a lamúria do vento entre as plantações, mas segundo o empregado, não era vento, mas o lamento dos mortos sob o chão. E, nas noites em que chovia bastante, a terra amolecia, e, em meio à lama, algumas cabeças podiam brotar feito repolhos — daí o nome "pé de cabeça" — e o corpo sem descanso se erguia com carne podre ainda pendurada nos ossos...

— Ai, pára, vó! — gritei.

Lucas não disse nada, mas seu rosto pálido falou tudo.

Contudo, vó Maria não se calou, satisfeita com o resultado e ainda sob o efeito dos vasos quebrados, do varal arrebitado, das galinhas assustadas, do piso da sala sujo de terra e das manchas de mãos na vidraça. Saboreando a própria perversidade, continuou:

— Meu pai cuspiu a fumaça do cigarro de palha e contou da vez em que pensara ter visto vários montes de cupinzeiros no meio do pasto, antes de amanhecer. Mas quando tocou o gado até lá, não havia cupinzeiro algum. Nem repolhos. Em vez disso, punhados de terra úmida revolvidos. Juntou isso à história do empregado. E ficou matutando na varanda, diante da chuvarada, pensando nas coisas que podiam estar escondidas e outras aparecendo do lamaçal. Por isso veio à lembrança a tragédia de Herculano e a perpétua aflição de seus esqueletos.

Para arrematar, acrescentou:

— Esta noite o aguaceiro caiu como nunca. A terra virou barro. Aqui também há lendas sobre gente sepultada no matagal. Se as nuvens deixarem e a Lua clarear o terreno, vocês poderão olhar pela janela. Se avistarem uns montinhos redondos de terra, talvez sejam as casas dos cupins, uns pés de repolho... ou não. Quem sabe, uma cabeça de defunto surgindo do chão — os pés de cabeça! —, depois, o resto do corpo, movido por

uma alma sem descanso. Conforme dizem, os mortos saem em noites de chuva para buscar aqueles que cometeram maldade, incluindo crianças travessas... BUUUUU!!!!

O berro inesperado que vó Maria soltou, acompanhado das batidas das mãos sobre a mesa, mais sua figura fantasmagórica à luz do lampião foram impressionantes o suficiente para nos fazerem chorar.

Ela não fez questão alguma de amenizar o susto, vingança concluída.

Fomos dormir morrendo de medo e, de maneira alguma, aproximamo-nos da janela.

No outro dia, nossos pais expressaram surpresa por nos encontrar adormecidos, bagunceiros e cheios de energia que éramos.

— O que houve?

Nem soubemos o que responder. Por um longo tempo, não quisemos retornar ao sítio de vó Maria.

Suspiro e digo:

— É por isso que as noites de tempestade me assustam até hoje. Penso na água entrando na terra, no barro se formando, nas coisas incomodadas se contorcendo e se levantando, saindo, procurando... O trovão é como o grito de vó Maria ou as pancadas de suas mãos. Agora, a história que ela ouviu de meu bisavô, que depois me contou, eu repasso para você, Jimmy, e você... Cadê o Jeremias?

A chama da vela se agita, afligindo as sombras em nossos rostos.

Meu marido, desperto de seus devaneios, examina abobalhado o abrigo de luz.

— Tava aqui, agorinha.

Fiquei tão compenetrada em meio às recordações, e Tomás igualmente preso a minha narrativa, que não nos demos conta do sumiço de nosso filho da mesa da cozinha. De tão alarmados por encontrá-lo, derrubamos a vela. Tudo fica escuro feito um sono sem sonhos.

Um fiapo de desespero se insinua dentro de mim.

— Acende logo! — falo.

— Tô indo! — exclama o macho alfa. — Pronto!

Refugiamo-nos na concha de luz e, ato contínuo, procuramos por nosso filho. Ao caminharmos, a chama se alvoroça. De mão em concha, Tomás luta para que a vela não torne a apagar. Sombras e luzes se agitam. A escuridão predomina. Chamamos:

— Jeremias!

A casa continua em silêncio, exceto pelo ruído da chuva. Isso é o mais assustador de tudo.

Esquisito, nossa casa sempre representou o lar, a segurança, o conforto. "Minha casa, meu castelo", não é assim que falam? É o nosso porto seguro, nossa fortaleza, nosso canto de paz e aconchego, nosso chão. Devia ser, pelo menos. Todavia, sob a tormenta e a obscuridade, a coisa toda muda de figura, transforma-se. Aquilo que nos era familiar torna-se estranho; o que nos dava paz causa inquietude; o que nos enchia de coragem é tomado pelo temor. Vasculhamos a sala onde a mesa de centro jaz torta. Amenizado o aguaceiro, percebo através da vidraça o nosso quintal sob o luar. Mas nada de Jeremias. Procuramos no banheiro. Tomás foi o último a usá-lo. Tomou banho e sequer passou o rodo direito no chão. Engulo a bronca, preocupada com nosso filho.

— Onde está? — resmunga meu marido.

Finalmente, achamos Jeremias. Não sei como, sem enxergar, encontrou caminho até o seu quarto. Apesar de ter apenas seis anos, já fica em seu próprio canto, homenzinho que é.

— Jimmy? — chamo.

Ele está de joelhos sobre a cadeira junto à janela, olha fixo para fora. A chuva deixa filetes irregulares sobre o vidro. A atenção de Jeremias prende-se a algo além. Nem parece ter-me escutado.

Tomás, inquieto, junta-se a mim e vamos até o pequeno. Coloco minhas mãos sobre os ombros de Jimmy. Sinto o corpo frio e, instintivamente, abraço-o.

— Tudo ok, benzinho? O que faz aqui?

Continua calado, olhos fixos na noite.

Um tipo de alarme soa em mim. Sinto um cutucão do lado. Viro-me.

É Tomás.

Sem se voltar para mim, olhos muito abertos, aponta:

— Ali, Sandrinha... Ali!

Giro a cabeça devagar.

— O que...

E vejo.

O fiapo de desespero se contorce feito uma larva de mosca, cavoucando e cavoucando fundo, mais e mais profundamente, deliciando-se das entranhas.

Do lado de fora, no quintal, a chuarada transformou a terra em lama. Poças d'água se acumulam no chão encharcado. Entre as roseiras do jardim, vislumbro o vulto de um montículo. A visão não é nítida devido à escuridão, à chuva fina, ao vidro molhado, à consciência que vê, mas não quer enxergar.

O montículo.

— O que é? — pergunto.

— U-u-um cupinzeiro?! — gagueja Tomás, tão firme quanto uma fatia de gelatina.

— Tinha um ninho de cupim ali?

— E-eu não sei!

Escarafuncho a memória, tentando me lembrar. Durante o dia, cuidei das flores. Devia ter percebido algo assim, não devia? Percebi? Estava lá? Não me lembro!

Por fim, Jeremias se manifesta. Seu corpo treme sob minhas mãos. Seus lábios emitem um gemido baixo que cresce e cresce até se tornar um pranto. Em meio as lágrimas, balbucia:

— Repolho...

Lá fora, do outro lado da janela na noite sem fim sob o aguaceiro que retorna, entre um relâmpago e outro, avistamos, enrijecemos nossos corpos e, em coro, berramos

— Repolho!

Sim, todos nós, incluindo meu marido.

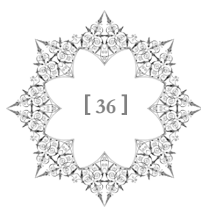
A bravata de Tomás vai, por assim dizer, por água abaixo.

Se Jeremias se dá conta disso, seu horror não deixa transparecer.

Tampouco estou, de fato, atenta a tal divagação, presa à visão daquilo.

Diante de nós, o cupinzeiro não pára de crescer, de emergir, de nos encarar.

Da loucura que de mim se apossa, pergunto-me: terá vó Maria vindo me pegar?





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Medo e Contrapeso

Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Brasileira, Médica Anátomo-Patologista. Publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – todos em papel. Recebeu "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Celta 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lusitana. Tem participado de várias antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em exemplares mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Parece o entrar em uma sucessão de pesadelos...

Rompendo invisíveis limites... barreiras.

Corrompendo protegidos espaços,

quebrando a frágil cúpula de cristal.

Impondo à matéria, fraqueza e tremor.

Desfazendo sagradas defesas, como

mofo em couro úmido, a se propagar.

A trazer chagas e dores...

Turvados corrompidos mudados e abalados

os sentidos. Tudo é ferida na pele.

Na sua origem, esta desequilibrada danação,

recebe definidos ou fictícios nomes -

vírus... indivíduo... ou um fantasmagórico

ente interior(?)... Mais que qualquer outro

e qualquer coisa, pânico e desespero a provocar.

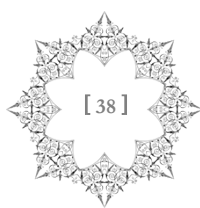
Dissolvendo o sólido, escravizando o fraco,

desestabilizando o vital, esse monstro chamado

"medo". É preciso lutar e ao ogro, não se entregar.

Vencê-lo antes que ele o torça e o force a ajoelhar...

e desmoronar... como um alinhamento de dominó.





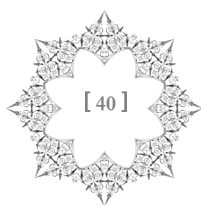
A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Já Não Sei

Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Brasileira, Médica Anátomo-Patologista. Publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – todos em papel. Recebeu "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Celta 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lusitana. Tem participado de várias antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em exemplares mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

A vulgaridade do hoje...
com vazias falas
e toscas afirmações,
- sem finalidade... sem razão...
sem controle -
odores que perturbam...
perfumes que irritam...
barulhos normalizados...
silêncios que consomem...
Tanto a ser ultrapassado,
senão de vez, eliminado!
Mas cada nova geração,
cada vinte anos decorridos,
exponencialmente multiplica
o não retorno... o nunca mais.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Tufão Em Outubro

Por Sellma Luanny

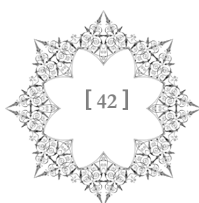
Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Brasileira, Médica Anátomo-Patologista. Publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – todos em papel. Recebeu "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Celta 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lusitana. Tem participado de várias antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em exemplares mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Nunca tinha me assustado
com um tufão em outubro.
Será que vai virar lugar comum?
Não fiz nada para o merecer...
Ou fiz?

Dizem todos estes exageros
do clima, nossos rebentos serem
- nós os geramos, afinal!

E agora, o que fazer?
Como retroceder?
A sua parte cada um
teria que fazer... dizem.
Mas, será que todos o sabem?
E se sabem, entendem?

A tempestade é longa e extensa...
E se quisermos, dizem, sairemos dela.
E se não quisermos e não agirmos?
Dizem que nada mais será como dantes!





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Dor No Coração

Por Sellma Luanny

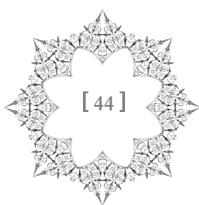
Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Brasileira, Médica Anátomo-Patologista. Publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – todos em papel. Recebeu "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Celta 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lusitana. Tem participado de várias antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em exemplares mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Quantas mais prenunciações
necessárias?
Enchentes, secas,
aterrorizantes tempestades...
Selvagens ou não,
à porta da culpa e da solução,
animais e vegetais, a sucumbirem.

Por quê? Adaptação não houve?
Não houve tempo!
E se houvesse?
Haveria diferenças?
Acima do limite, dos recordes...
alterações anormais.

Feedbacks milenares
pelos mecanismos naturais ajustados,
sendo ultrapassados.
Os limites do suportável
anunciados há décadas!
Mas, científicas admoestações
pela maioria, ignoradas.

E agora? Só penar?
Por que chorar? É preciso agir!
Já! Urgentemente!
Aos nossos herdeiros, que futuro?
Nas nossas mãos,
morte e vida pesam.
E então? Só dor no coração?





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O mal precisa de um corpo

Por Marcelino Rodrigues Cutrim Netto

Maranhense de São Luís, participou de antologias das editoras Scortecci (Minuto de tudo e Esboços da Alma), do Selo Offlip (Parem as máquinas), Versejar (Taverna Poética), Quimera (Poesias de carnaval); além de revistas como a Conexão Literatura e a Estrofe.
Instagram: @marcelinorodrigues30

o mal precisava de um corpo...
encontrou a moça alienada
do amor nada sabia
do mundo não sabia nada

algo tocou-lhe o cabelo
dedos sinistros, distintos o fizeram
eriçou-se da moça o pelo
quando esta viu afinal o que era
não era gente
da que vive na Terra
não era bicho, planta ou pedra

um misto de dor e demência
num grito de horror na tapera
e a moça abalou-se no escuro
ensandecida, já estava possessa.

o mal precisa mostrar-se
é dele o estado da exceção
o bem, não!
não há porque se transfigurar num corpo
se ele, o bem, é o todo
e pesa menos que um sopro

o bem está, o bem é
e nisso se apraz.
o mal, ao contrário, insiste em dizer-se
despeitado, o pai da ira,
nunca contente, quer explodir
Eis-me aqui
pois existo
olhem pra mim

mas a moça andava pensativa
estranha, arredia
de não se entender
Ninguém gosta de mim
também de ninguém nem de nada gosto eu
Passo os dias nesta casa... neste...
Pai?! Paaai!
As noites neste quarto meu... neste...
Saaai!

cabisbaixa,
adivinhou na parede um crucifixo
irritada,
quebrava a cama,
esmurrava a mesa e, com um prato,
acertava a cabeça do gato
que de dor agonizava
num canto da casa
no Recôncavo baiano
— o mal se avoluma em qualquer lugar,
nenhum sítio lhe é estranho
ele precisa estender-se, e a moça ...

e a mãe da moça chorando
Perdida está minha filha
por que é que sofro tanto?
eu que tanto rezo, vou às missas
e às vezes, por isso, nem como
Por que, meu Deus?

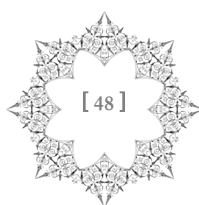
um urro de suçuarana
estancou o materno pranto
poderia ter falado a mãe

o monossílabo tamanho?
naquele contexto, naquele lugar
tão, digamos, recôndito?

a moça, sua filha, a de que se fala
lhe surge à frente
com do falecido pai a espingarda
ouve-se um estrondo
e, misturada a um ronco,
uma aterradora gargalhada

mulheres e homens correram
vieram do outro lado do rio
mães, amigas, distantes vizinhas
choram agora,
lamuriam a situação vista:
mãe morta e filha perdida

e o mal?
o mal ganhou o que queria
virou notícia na rádio,
manchete de capa em revista
estampa em jornal da Bahia.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

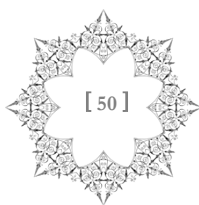
Bella, Selene, Anna Valerious, Mina, Elizabetha...

Por Marcelino Rodrigues Cutrim Netto

Maranhense de São Luís, participou de antologias das editoras Scortecci (Minuto de tudo e Esboços da Alma), do Selo OffFlip (Parem as máquinas), Versejar (Taverna Poética), Quimera (Poesias de carnaval); além de revistas como a Conexão Literatura e a Estrofe.
Instagram: @marcelinorodrigues30

O que sinto por você
é como se lobisomem fosse
na hora da transformação
Dilatando vísceras, quebrando costelas
e aterrorizantes caninos
rasgando gengivas na escuridão:
doendo, doendo, doendo de amor!

Na orelha pelos crescem
como nos corações o rancor
Aí se estalam mais ossos
e os maxilares,
em interminável proeminência,
uivando de paixão:
Lobisomens sofrem;
vampiros, não.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O discurso do coveiro

Por Marcelino Rodrigues Cutrim Netto

Maranhense de São Luís, participou de antologias das editoras Scortecci (Minuto de tudo e Esboços da Alma), do Selo OfFlip (Parem as máquinas), Versejar (Taverna Poética), Quimera (Poesias de carnaval); além de revistas como a Conexão Literatura e a Estrofe.
Instagram: @marcelinorodrigues30

Pra adiante, profanadores de túmulos!
meus irmãozinhos querem descansar

Ex-moças seletas
ex-ases do asfalto
rotundos senhores
mestres no assalto
estão todos por cá
no último abrigo
que têm pra morar.

não toquem nas lápides
não dilapidem este lar
não tanjam guitarras
não acendam fogueiras
por cima das casas
de minhas caveiras.

Oh, homens de preto
irmãos punk funks
cuidado, não arranquem
os mimos deixados
por filhos chorosos
segredos amados
amigos do peito
cônjuges contritos
viúvas alegres
e credores aflitos.

São flores são placas
estátuas e fitas
carinhos gravados

em frases bonitas
por quem já amou tanto
pra quem já não escuta
Mas há de escutar!

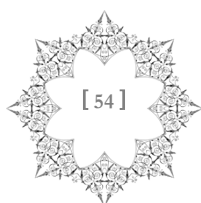
Atente, seu néscio
metido a roqueiro
está lá na bíblia
no Apocalipse:
eles vão levantar!

Portanto, nada de sexo
nas habitadas covas
pra suas alcovas!
lá é mais seguro trepar

Compadres do heavy
então não vacilem
não façam festinha
neste campo-santo
não espalhem as baganas
de suas maconhas
nem pichem meus muros
ó góticos sem-vergonhas!

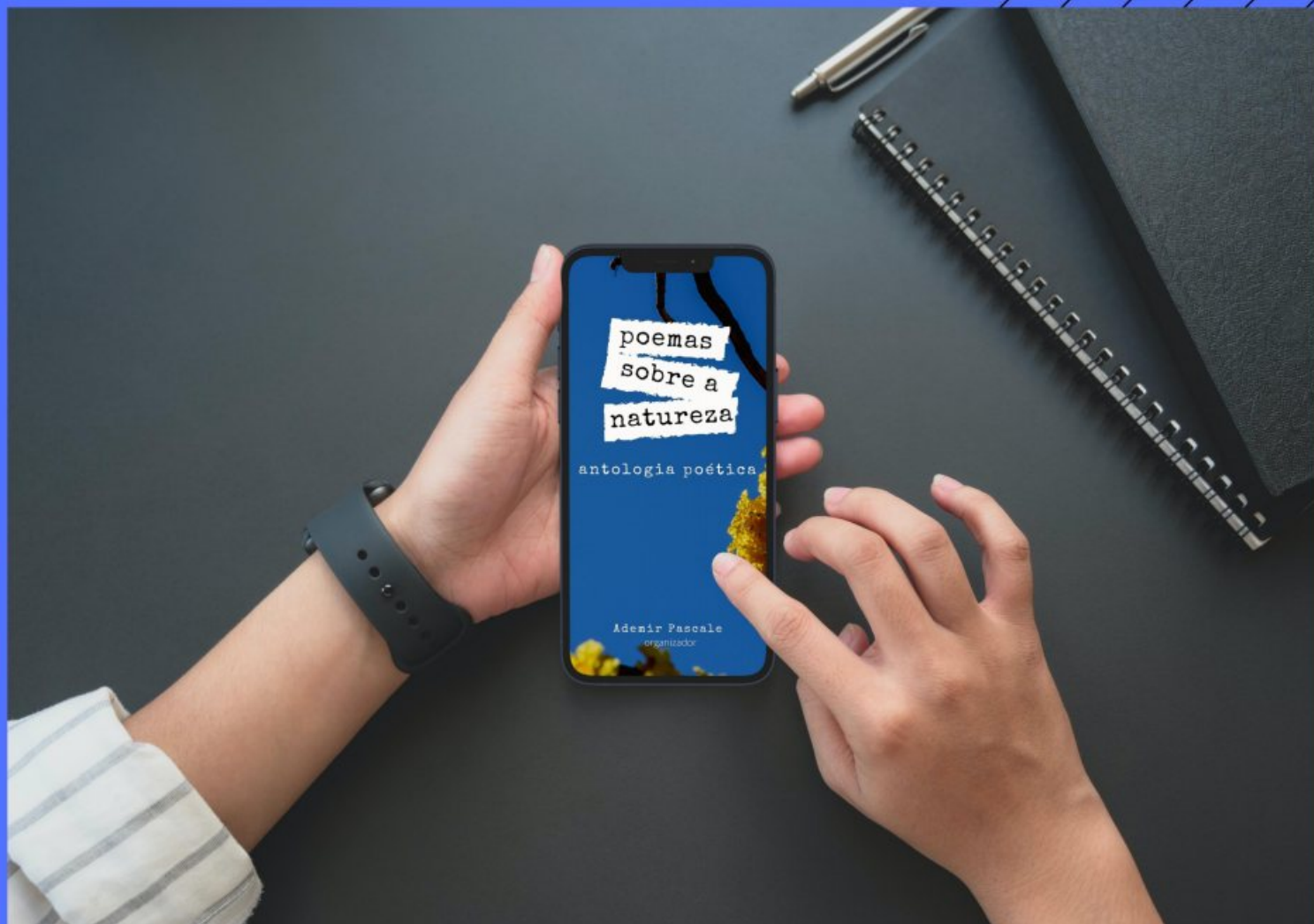
Aí vem um crânio
rasgando a terra
falanges abrindo
espaços no ar
é dom esqueleto, é dona caveira
que vêm, com certeza,
silêncio cobrar.

Pra adiante, pra adiante
juventude peralta
que bem pouco lhes falta
pra conosco
- e pra sempre -
aqui habitar.



CONHEÇA OUTROS
TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO CONEXÃO LITERATURA



TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: **CLIQUE AQUI**

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA

SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA

INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD

E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: **CLIQUE AQUI**